



5º Congresso de Pós-Graduação

CONHECIMENTO E AS RELAÇÕES DE ENSINO/APRENDIZAGEM EM UMA SALA DE AULA

Autor(es)

MARTHA MARIA JOLY

Co-Autor(es)

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA

Orientador(es)

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA

1. Introdução

A escola possui o objetivo de ensinar para que aconteça a apropriação dos conhecimentos sistematizados por parte dos alunos. Como afirma Saviani (1997) o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (p.11). A partir da preocupante situação com os alunos que não conseguem se apropriar, de maneira satisfatória, desses conteúdos pelos quais a escola é responsável, foi elaborado o projeto para o mestrado, articulado com minha prática pedagógica e o cotidiano dela. Várias questões estavam presentes: como são as relações de ensino no cotidiano escolar nas séries iniciais do ensino fundamental? De que modos são selecionados e apresentados os conhecimentos aos alunos, em sala de aula, principalmente os de leitura e escrita? Optei por delimitar meu objeto de estudo, assumindo o papel fundamental do professor no processo de ensinar: estabelecer relações entre o ensino promovido pela professora, o conhecimento escolhido por ela a ser ensinado e o aprendizado dos alunos; no caso da escola - ensino e apropriação dos conceitos intencionalmente sistematizados, o que lhe confere o sentido de sua existência e no caso dessa sala de aula em particular - a aquisição da leitura e da escrita por parte dos alunos. A base teórica deste estudo é a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, por oferecer fundamentos sobre a constituição do sujeito, o desenvolvimento cultural do ser humano, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, a elaboração conceitual, a mediação pela linguagem e a importância da escola como lugar de aprender e ensinar, tendo Vigotski seu principal representante. Ginzburg desenvolve o paradigma indiciário, um método no qual o pesquisador observa os detalhes para reconstruir e estabelecer relações mais amplas e complexas, que foi utilizado nesta pesquisa para analisar os detalhes do cotidiano observado. Para a compreensão das interações verbais existentes no âmbito escolar, a concepção enunciativo-discursiva das relações sociais foi o referencial teórico utilizado, tendo

Bakhtin como seu maior representante. Utilizei como interlocutor Dermeval Saviani, na questão sobre educação, papel e função da escola, com a Pedagogia Histórico-Crítica, pelo fato de esta teoria pedagógica possibilitar discussões e reflexões referentes ao cotidiano escolar e às mudanças das formas de educação ao longo da história. As questões referentes a concepção de conhecimento, terá como aporte teórico os estudos de Schaff (1991) o qual analisa os três elementos para a análise do processo de conhecimento: o sujeito que conhece; o objetivo do conhecimento e o conhecimento como produto do processo cognitivo (p.72). Para abordar a questão da linguagem, do papel da escola e o conceito de letramento, empreguei as contribuições de Magda Soares e discutindo sobre o ensino da língua e o uso do texto na sala de aula, temos a ajuda de João Wanderley Geraldi.

2. Objetivos

O objetivo mais amplo deste trabalho configurou-se como a busca de identificar e analisar as relações de ensino entre professores e seus alunos no processo de aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, focando: a) as ações pedagógicas da professora da sala de aula observada; b) concepções de conhecimento, de ensino, aprendizado e desenvolvimento que sustentam sua prática; c) as interações entre professora/alunos/conhecimento.

3. Desenvolvimento

Este estudo foi desenvolvido junto a professora Flávia, no período vespertino, em sua classe de 2ª série do Ensino Fundamental, em uma Escola Estadual de Piracicaba, SP. Foram realizadas observações de aproximadamente uma hora e meia, às 2ª feiras, durante as aulas de Língua Portuguesa, nesse caso, de leitura e escrita. As observações contaram com a utilização do recurso da videogravação.

Houve, também, conversas ora dirigidas, ora espontâneas, o que me foi possibilitando momentos para ouvir, falar e identificar aspectos de seu fazer pedagógico.

4. Resultados

Quando pensamos na complexidade de tudo o que acontece na escola, percebemos a multiplicidade de relações em que está envolvido o ensinar e aprender. Relações econômicas e materiais, relações sociais e institucionais, relações entre conteúdos e métodos de ensino, crenças, concepções, teorias. O cotidiano da escola é sempre permeado por tudo isso e, dessa forma, não é tarefa simples procurar apreendê-lo, analisá-lo, compreendê-lo (p.04). Fontana e Cruz (1997) A análise a que me proponho é sobre as práticas do cotidiano de uma sala de aula, trazendo acontecimentos que representam tantos outros de tantas outras salas de aula, mas, que é única e que tem suas especificidades. Apresento dois episódios, no qual o aluno solicita a professora a leitura de um livro, trazido de casa. A leitura é interrompida várias vezes nas quais ocorre as situações selecionadas: Professora: Vocês entenderam o que é realejo? Alunos: não. Professora: é essa caixa aí no desenho, é uma caixa, tem um papagaio. [Márcio interrompe a professora]: Ele explica depois pro. Professora: Ah, tá! [Aluno continua a ler, até a parte em que o autor fala do passarinho]. O aluno pára a leitura e explica: o realejo é o passarinho, ele pega a sorte, qué vê? Tá aqui e volta ao texto. Quando termina a página, a professora diz: explique pra eles, mostre a caixinha, como é que funciona? Márcio: é assim, é o Chico Palito pergunta ao passarinho a sorte dos outros daí ele pega o papelzinho, daí... [um tempo de silêncio] Professora: o passarinho põe a boquinha dentro de uma caixa e tira um papel e lá tem uma mensagem, e a pessoa paga, né? Lucas: pra ler? Professora: não, assim, o Chico Palito cobra por este serviço, é como se fosse ler a sorte. Beth: Então o realejo é o passarinho que vai ler a sorte. Professora: é a caixinha com um passarinho dentro Márcio: e é a sorte que ele tira dos outros Professora: e na estória eles não estão gostando das mensagens e por isso ele quer vender. Continua a estória. [Márcio continua a leitura] Um aluno interrompe: todo mundo quer comprar o passarinho! Professora: não é comprar o passarinho, paga pro passarinho tirar a sorte de dentro da caixinha. Beth: dá o dinheiro pra pagar a sorte? Professora: não é assim, é como um serviço, quer explicar Márcio? Márcio: ele cobra pra fazer, pra falar pro

passarinho, pro periquito, né, tirar a sorte. Professora: são papeis já escritos, entendeu Aluno: prof, quem escreve os papéis? Professora e Márcio respondem juntos: o Chico Palito. Márcio: daí fica tudo dentro da caixa, daí ele fala pra tirar sorte de tal gente, daí o passarinho vai lá pega com o biquinho e entrega o papelzinho, e o Chico lê. Aluno: mas depois o papagaio coloca lá de novo? Márcio: não! dá pra gente, lá. Debora: Professora, isso não existe aqui no Brasil. Professora: tem, isso é aqui no Brasil, mas é uma coisa antiga. [Márcio continua a leitura e quando mostra uma ilustração da página, a professora explica]: É assim, na hora que o passarinho vai pegar a mensagem, ele toca, tem uma alavanca aqui, mostra na caixinha, Márcio. [procura no livro a ilustração]. Ele fica virando, e sai uma musiquinha, é muito bom. Episódio 2: [Márcio volta a ler a estória, quando se depara com uma palavra e pergunta à professora: é engraxate ou engrassate? Professora: isso, engraxate. Sabe o que é engraxate? Márcio: não. Professora: engraxate, também ele tem um carrinho que ele põe nas costas, é pra engraxar sapato. Ces nunca viram na praça? Na praça tem. Vários alunos ao mesmo tempo: eu já vi! Gabriel: o quê, pro? Professora: engraxate é um moço que engraxa sapato, ele tem uma caixinha com graxa. [Vários alunos falam ao mesmo tempo contando suas experiências.]

Aluno: ahh!

Os alunos falam com desenvoltura, sem medo, organizadamente, mesmo quando em conjunto. Por quê? Porque pode, porque é permitido falar. Para Vigotski, a interação entre as pessoas está sempre situada, mediatizada por produções sociais, desde objetos até conhecimentos historicamente produzidos, acumulados e transmitidos - diz Duarte (1999). Os diferentes sons da letra x confundem Márcio. Como em máximo, por exemplo, o x tem som de ss, além de ele não saber o que é engraxate. A professora não só repete a palavra correta como pergunta sobre o significado da palavra engraxate e explica. As muitas situações vivenciadas para a compreensão do que é realejo também evidenciam a atenção que é dada ao conhecimento que as crianças ainda não possuem. Ela não define, ela vai conceituando, ou melhor, os alunos vão elaborando o conceito com a professora, o livro, as ilustrações e o conhecimento que Márcio já possuía. Mediação, significados, sentidos... Cortella (1998) diz que o conhecimento é fruto da convenção e à escola cabe ensiná-la. Levar em conta os conhecimentos dos alunos é diferente de acatá-los passivamente. A prática pedagógica deve fazer avançar a capacidade de compreender e conhecer o mundo, o que só é possível se ficarmos atentos aos detalhes tais como: expressões faciais e corporais dos alunos, suas perguntas, suas afirmações, seus silêncios. A interação verbal onde a professora e os alunos procuram explicitar o conceito de realejo com outras palavras, usando outros signos para encontrarem entendimento, nos permite a articulação com os estudos de Bakhtin, que defende que compreender um signo consiste em aproximar o signo compreendido de outros signos já conhecidos (p. 33-34). Dois episódios, dois momentos de práticas pedagógicas onde o texto está presente: possibilidade inequívoca de dominar a língua padrão em sua modalidade escrita e oral – objetivo da escola que quer o desenvolvimento cultural dos alunos. Ler é ser capaz de atribuir significados, conseguindo relacioná-los aos outros textos e à vida. A escrita não é a realidade, é uma forma de significá-la, portanto é signo: algo que não é e está no lugar do que é. Somos seres simbólicos e a palavra é mediadora de todo nosso processo de elaboração do mundo e de nós mesmos (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 85). Se a escola é encarregada do conhecimento sistemático e intenso dos alunos e a criança sabe que está ali para aprender, a aquisição da leitura e da escrita é o marco fundamental do acesso aos bens culturais da humanidade e direito inalienável dos indivíduos.

5. Considerações Finais

Vigotski (2004) diz que a pedagogia deve definir precisamente a organização da ação pedagógica, quais as formas e procedimentos a serem usados e para quê, além de ter uma concepção de desenvolvimento, visto que a sua ação implica, intencionalmente, no avanço deste. Parece óbvio, quando falamos que a função da escola é ensinar, pressupondo que alguém irá aprender, mas se analisarmos a atual situação da maioria das escolas, veremos que ainda temos muito a caminhar, cuja exigência desse caminho é a compreensão da materialidade do contexto escolar. Nessa perspectiva é que a Pedagogia Histórico-Crítica procura resgatar a especificidade da escola: a escola tem a função específica educativa, propriamente pedagógica ligada à questão do conhecimento; é preciso, pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar (Saviani, 1997, p. 114) Essa breve conclusão pretende marcar uma posição teórica

acerca da Pedagogia e das práticas pedagógicas que assume os alunos como seres concretos, pois na perspectiva que estou assumindo e para a análise dos episódios escolhidos da pesquisa de campo, o problema do conhecimento e do papel da escola coloca ao professor a tarefa de viabilizar o conhecimento sistematizado, realizando a mediação (significação) entre o aluno e o conhecimento, entre o conhecimento e a vida social.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem, Ed. Hucitec, São Paulo, 1992.

CORTELLA, M.S. A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 1998.

DUARTE, N. Vigotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2001.

DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. -- (coleção polêmicas do nosso tempo, v. 55)

FONTANA, R.; CRUZ, M.N.. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

GERALDI, W. J. (org.) O texto na sala de aula. Editora Ática, SP: 2000.

GINZBURG. C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações- 6ª ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1997. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 40).

SOARES, M. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1994.

SCHAFF, A. História e Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed. 1991.

VYGOTSKI, L.S. Obras Escogidas. Madrid: Visor, 1993.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.